

Joinville, 17 de abril de 2024

Caríssimos irmãos em Cristo,

Com muita alegria e esperança saúdo-vos neste momento de graça e renovação em nossa caminhada de fé. Após consulta ao conselho dos presbíteros, ao grupo de reflexão pastoral e apresentarmos na Reunião Geral do Clero, encaminhamos os passos da Diocese para o ministério do catequista. No triênio 2024, 2025 e 2026, cada paróquia poderá escolher um catequista e fará a sua indicação. Os escolhidos, deste ano, receberão o ministério em celebração diocesana no dia 29 de agosto, presidida pelo Bispo. Para uma melhor organização, pedimos que cada paróquia envie o nome do escolhido (a) para a coordenação diocesana da IVC **até o dia 20 de julho de 2024**. É oportuno que as paróquias escolham catequistas experientes e já provados devidamente. Deve-se considerar toda a caminhada de formação e vivência do candidato e aplicam-se os seguintes critérios:

- Ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco, em diálogo com as coordenações paroquiais da Iniciação à Vida Cristã (IVC) e CMPP.
- Ter no mínimo **40 anos** de idade;
- Ser catequista nos últimos **10 anos**;
- Ser testemunho de fé e vivência na comunidade;
- Ter participado da formação básica proposta pela diocese, que compreende entre outros: Liturgia e Catequese, Introdução à Bíblia, Itinerário de Iniciação à Vida Cristã, História da catequese, Leitura Orante, Estudo 97 da CNBB e o documento 107 da CNBB.
- Participar da formação específica e imediata para a recepção do ministério, de acordo com as orientações da diocese.

Em preparação para o envio a diocese já está organizado as seguintes ações:

1. Live com os indicados pelas paróquias;
2. Celebração comarcal de apresentação dos escolhidos;
3. Celebração do envio do ministério.

Em anexo seguem algumas orientações a serem consideradas.



Andréia Bonet
Coordenadora de Catequese



Pe. Gélvio Silva do Nascimento
Coordenador de Pastoral



Dom Francisco Carlos Bach
Bispo

Anexo 1

10 pontos relevantes para a escolha dos catequistas que receberão o ministério

1. **Considerar que os catequistas são vocacionados.** Nesse sentido, levar em conta que a Igreja se empenha pela promoção das vocações religiosas e ao ministério ordenado. Seria também necessário pensar na vocação do catequista: conscientizar a comunidade sobre a sua importância, promover o convite às pessoas, discernir sobre quem tem o carisma para se preparar para esta missão, etc. Seria conveniente a criação de uma animação vocacional dos catequistas e até mesmo de uma Pastoral dos Catequistas: não se cuida apenas dos interlocutores do processo da IVC, mas, sobretudo, dos agentes de pastoral envolvidos (cuidar do cuidador). Assim, orientamos que as coordenações diocesanas tenham presente em seus planos diocesanos a promoção da cultura vocacional para os catequistas, elaborando passos para sensibilização, discernimento, acompanhamento e adesão à vocação.
2. **Considerar o ministério como o coroamento de uma caminhada.** O ministério não é algo a ser alcançado pelo catequista, mas é fruto de um processo. Desse modo, o catequista poderia ter uma experiência inicial, por um tempo razoável, antes de receber o ministério. É conveniente considerar que o catequista iniciante deva receber acompanhamento adequado. Um catequista mais experiente pode ser o introdutor do novato, seguindo o “estilo de acompanhamento” proposto pelo Diretório (cf. DC 135c). Depois desta fase inicial (acolhimento), o catequista é encaminhado para a etapa de aprofundamento (formação ministerial básica e específica). A história e a caminhada de cada pessoa devem ser consideradas, de modo que ela possa se formar de modo gradativo.
3. **Promover uma formação de inspiração catecumenal,** considerando-a como seu critério fundamental, conforme orientam os diretórios catequéticos: “seria muito difícil para o catequista improvisar, na sua ação, um estilo e uma sensibilidade para os quais não tivesse sido iniciado durante a sua própria formação” (DGC 237). Certamente, presenciamos grandes avanços no processo de IVC e de uma catequese de inspiração catecumenal, porém é preciso avaliar se a formação de catequistas seguiu na mesma linha.
4. **Realizar uma formação global e integral.** Convém, como recomenda o Diretório Catequético, seguir os âmbitos formativos já conhecidos: ser, saber, saber fazer (cf. DC 136-150). A formação deve ter o cuidado de não somente desenvolver a capacitação didática, metodológica e técnica do catequista, mas principalmente sua vivência pessoal e o desenvolvimento de sua maturidade humana e comunitária, além do seu compromisso com a transformação do mundo: “a missão comum para os leigos se refere primeiramente ao mundo” (DAp 184). Uma formação global (integral) considera uma diversidade de dimensões: humana, espiritual, teológica, pastoral, missionária... Hoje há muitas escolas e cursos de formação, porém, há lacunas na formação laical, de modo que ainda é preciso crescer em algumas dimensões: eclesialidade, estruturas de comunhão, mecanismos que deem ao leigo o seu protagonismo, inserção do leigo no mundo, crescimento humano (existencial).
5. **Formar sujeitos eclesiais** (cf. Doc. CNBB n. 105, 228-230). Os catequistas devem ser cristãos autônomos, adultos na fé. Vivem uma experiência eclesial em sua comunidade de fé, sendo representantes da comunidade: origem e meta da catequese (cf. DC 133). Nesse sentido, é necessário considerar a inserção do catequista no grupo dos catequistas: “nele se partilha, juntamente com os presbíteros, tanto o caminho de fé como a experiência pastoral; amadurece-se a identidade de catequista; e toma-se cada vez mais consciência do projeto de evangelização.

A escuta das exigências das pessoas, o discernimento pastoral, a preparação e avaliação concretas dos itinerários de fé constituem os momentos de um laboratório formativo permanente para cada um dos catequistas. O grupo de catequistas é o contexto real em que cada um pode ser continuamente evangelizado e permanece disponível para novos contributos formativos” (DC 134). O catequista é formado para que esteja em diálogo com toda a comunidade, considerando que o projeto de IVC não é somente da pastoral catequética, mas depende da pastoral orgânica.

6. **Considerar a diversidade das modalidades formativas.** Não bastam conjuntos de palestras, mas processos que realmente sejam efetivos no envolvimento e que despertem experiências e novas atitudes. A formação acontece no encontro de pessoas, na partilha vital, na vivência comunitária da fé, na oração, nos momentos lúdicos e festivos... Como nos tempos primitivos, exige-se, hoje, uma formação experiencial (cf. DC 130).
7. **Formar para o mundo digital.** É preciso ter atenção aos novos canais que se tornaram usuais pela amplificação do mundo digital. Certamente, será necessária uma formação sobre esse âmbito. Não basta que os agentes de pastorais tenham acesso e know-how sobre a utilização das novas tecnologias, mas que tenham discernimento para se inserir no mundo da comunicação e sejam aptos para formar cristãos na mesma linha.
8. **Priorizar a formação bíblica.** O objetivo é a superação dos subjetivismos irracionais e/ou das leituras ideológicas. Assim, continua válida a pergunta que o apóstolo Filipe fez ao etíope: "Compreendes o que lês?" (At 8,30). A Igreja, de acordo com a sua tradição, dedica-se amplamente ao estudo da Bíblia. Em especial, isso ocorre onde se estuda Teologia, a sagrada ciência eclesiástica. Descobre-se, assim, a inteligência da fé em Jesus Cristo, inclusive as dimensões éticas nela imbuídas. Neste contexto, deve-se priorizar o estudo do Evangelho que, compreendido de forma autêntica, ilumina, de forma ímpar, o que o ser humano é capaz de pensar e amar.
9. **Dar atenção à Doutrina Social da Igreja.** Por um lado, para que se considere efetivamente a missão cristã na sociedade, sobretudo diante das recorrentes visões distorcidas que tendem a reduzir a vida cristã ao âmbito do culto. De outro lado, diante das acirradas polarizações no campo político e social, faz-se ainda mais necessário educar os cristãos para que tenham consciência dos valores evangélicos que norteiam a vida em sociedade.
10. **Incluir a formação sobre as dimensões socioambientais da fé cristã.** Sobretudo a partir da Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum, publicada pelo Papa Francisco em 2015, a Igreja compreende que o amor a Deus e ao próximo, necessariamente, deve incluir o amor à natureza, sendo esta última contemplada como criação e, portanto, como Palavra de Deus. Por consequência, a catequese, como um dos âmbitos educativos (Laudato Si', n. 213), deve incluir a educação ambiental. Não se trata de um subjetivismo irracional ou de mera opção política, mas de uma racionalidade que nasce da sabedoria e da inteligência da fé cristã, considerada em sua globalidade.